Fora de jogo?
Futebol, mulheres e pandemia

TALITA MACHADO VIEIRA*
JOYCE CRISTINA RODRIGUES**

Resumo: Tomando a pandemia como analisador social, o presente artigo teve por objetivo visibilizar dificuldades crônicas enfrentadas pelo futebol de mulheres. Para tanto, procedemos uma análise qualitativa de documentos públicos, disponíveis no blog ~dibradoras, entre os meses de março e agosto de 2020. Ao consultar as matérias, construímos dois eixos de análise que abordam: a) os aspectos socioinstitucionais da modalidade; b) os efeitos da pandemia na experiência pessoal de jogadoras. As discussões nos levaram ao entendimento de que as mudanças impostas ao futebol pela realidade pandêmica trazem à tona aspectos que já constituíam o cotidiano de trabalho das jogadoras, mas que só agora, ao atingir a esfera hegemônica da modalidade, se convertem em questões-problema para serem pensadas pela instituição e seus agentes.

Palavras-chave: Jogadora; Psicologia Social; Covid-19.

Offside the game? Soccer, women and pandemic

Abstract: Taking the pandemic as a social analyzer, this paper had the goal of making the long-term difficulties, faced by the women soccer players, visible. In order to achieve this purpose, we conducted a qualitative analysis of public documents available on the blog ~dibradoras and that were published between March and August of 2020. After consulting the publications, we have built two lines of analysis: a) the social and institutional aspects of the modality; b) the effects of the pandemic in the personal experience of the players. The discussions had led us to understand that the changes imposed to soccer by the pandemic reality bring up aspects that already constituted the work of the women players, but that just now, as they had reached the modality hegemonic sphere, they were converted in problems to this institution and their agents to think about.

Key words: Player; Social Psychology; Covid-19.

* **TALITA MACHADO VIEIRA** é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UNESP-Assis).

** **JOYCE CRISTINA RODRIGUES** é Psicóloga (PUC-Campinas); mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho (USP).

Introdução

A irrupção da pandemia do novo Coronavírus tem colocado em xeque a suposta grandeza do humano que, desde a Modernidade, se assenta em ideias de controle e modificação da natureza por intermédio da tecnologia. No desporto, esse mesmo paradigma se manifesta tanto nas intervenções dirigidas aos corpos de atletas para potencializar suas performances quanto na criação de condições ambientais e climáticas para atender aos propósitos dos megaeventos esportivos (CHADE, 2015). Porém, nem toda a neve artificial da China, nem a climatização supereficiente do Catar são capazes de neutralizar os efeitos do microscópico hóspede de 2020.

O Comitê Olímpico Internacional (COI), órgão centenário, teve que recuar perante o novo Coronavírus e adiou as Olimpíadas de Tóquio para 2021. Um lembrete de nossa pequenez neste mundo. Como disse Katia Rubio (2020), a pandemia humanizou os/as atletas, heróis e heroínas do contemporâneo, que, muitas vezes, têm suas imagens colocadas a serviço de um imaginário fantasioso de imortalidade. Segundo a professora, a realidade trazida pelo Coronavírus nos mostra que a grandeza de uma Olimpíada, não obstante os bilhões de dólares envolvidos em sua realização, ainda depende de meros mortais, atletas e público, suscetíveis ao vírus.

Longe dos holofotes que marcam os grandes eventos esportivos, temos a realidade de treinamento de atletas pelo mundo todo, em alguns casos, ocorrida em condições bastante precárias e que pouco remetem aos palcos do espetáculo esportivo. No Brasil, terra do futebol, é notória a diferença de tratamento entre essa modalidade e as demais. Somos um país de *plantations* também no esporte. Contudo, o futebol brasileiro é também bastante diversificado e suas matizes apresentam diferenças significativas em termos da visibilidade que alcançam e dos recursos de que dispõem (DAMO, 2003; KESSLER, 2016). Quando se observa, por exemplo, o futebol de alto rendimento praticado por mulheres e o praticado por homens é possível notar a distância abissal que existe entre ambos em termos de investimentos, infraestrutura, midiatização e proteção social e jurídica do trabalho, aos menos nos estratos da chamada "elite do futebol" masculino. Não seria espantoso, portanto, que a atual situação pandêmica afetasse os dois segmentos também de maneira bastante desigual.

Para a elaboração deste artigo, partimos da concepção da pandemia como um analisador social do futebol de mulheres. Isso porque a realidade pandêmica pode ser capaz de produzir uma percepção diferenciada sobre tal contexto, rompendo com a neutralidade e naturalidade aparentes da situação das mulheres na instituição futebolística. Conforme nos diz Lourau (2020, p. 240), o analisador nos arranca de um lugar inerte, no qual ficamos imersos e limitados ao instituído, para nos fazer "[...] penetrar nas relações sociais reais [...] Esta penetração quase por arrombamento dá, em geral, apenas uma vaga ideia do que se passa, mas esta percepção é suficiente para ser analisador do que anteriormente não podia e não devia colocar problema [...]". Igualmente, nos inspiramos na proposta de Boaventura de Souza Santos (2020), que toma a pandemia como regime de luz que produz visibilidades por saturação. Com isso, sublinha questões que não são novas, mas permaneceram secundarizadas por sua oposição aos interesses dominantes: acentuação da desigualdade de renda, crise ambiental, exploração do trabalho,

racismo, sexismo, fortalecimento de ideologias nacionalistas e do controle das fronteiras dos Estados nacionais, privatização e mercantilização dos serviços de saúde. Com base nas colocações e questionamentos anteriores, temos como objetivo atentar para os contornos e problemas crônicos que a pandemia faz aparecer no âmbito do futebol de mulheres de alto rendimento.

As problematizações trazidas aqui são, majoritariamente, provenientes de uma análise qualitativa de documentos de domínio público e teve como fonte as matérias publicadas no blog ~dibradoras [1] , importante meio na cobertura jornalística do futebol de mulheres. Nele, inserimos os termos de busca "pandemia", "futebol" e "jogadoras", resultando num total de nove matérias que foram publicadas entre os meses de março e agosto de 2020. Após a leitura preliminar, descartamos as matérias que extrapolavam o escopo do estudo, restando seis publicações. Na sistematização do material, construímos dois eixos para o desenvolvimento das análises: os aspectos institucionais do futebol de mulheres e a dimensão dos cruzamentos que existem entre as esferas privada e profissional na vida dessas trabalhadoras. Com relação ao segundo eixo, cumpre destacar que as discussões elaboradas foram complementadas e enriquecidas por relatos obtidos pelas autoras em suas práticas de pesquisas junto a jogadoras de futebol.

Impedidas: complexidade na condição irregular das mulheres no futebol

Ao percorrermos o material recuperado em nossa fonte de dados, notamos que diversas questões enfrentadas pelas jogadoras de futebol, face à pandemia, dizem respeito ao seu posicionamento periférico na instituição futebolística, aspecto que já foi denunciado pelas próprias atletas em outras ocasiões (JOGADORAS..., 2017), bem como objeto de diversos estudos (ALMEIDA; PISANI, 2015; SOUZA JUNIOR; REIS, 2018). Trata-se de uma situação que não é propriamente nova, mas, assim como tantas outras, foi inflacionada pela condição pandêmica.

As vicissitudes na construção do profissionalismo para as mulheres no futebol são, frequentemente, marcadas por embates com os enunciados produzidos e sedimentados pela sociedade patriarcal, pautada em mitos, que impedem a consolidação da presença feminina em espaços ocupados por homens. Essas dificuldades se evidenciam e intensificam também durante o longo período em que a modalidade esteve proibida no país para as mulheres, entre 1941 e 1979 (GOELLNER, 2005; SILVA, 2015; VIEIRA et al., 2018). Fernanda Haag (2018) nos alerta para a importância de também levarmos em consideração o contexto político e econômico do Brasil no qual começou a se inscrever a luta pela profissionalização, a partir dos anos 1980. Período que, para além da redemocratização, é marcado, também, pelo avanço do neoliberalismo no país, encaminhando processos de flexibilização e precarização das relações de trabalho e da legislação trabalhista (COUTINHO et al., 2017), aspecto que, segundo Haag (2018), parece potencializar a dificuldade de regulamentação de uma nova profissão.

Os efeitos deletérios da condição "subprofissional" das atletas de futebol, deflagrada pela pandemia, denotam uma informalidade que é institucionalizada como prática em inúmeros clubes de

[1] www.dibradoras.blogosfera.uol.com.br/

futebol que possuem equipes femininas (SOUZA JUNIOR; REIS, 2018). Tudo isso encontra terreno muito favorável em um cenário político que vem, paulatinamente, favorecendo o avanço do neoliberalismo e da flexibilização do trabalho, como já sinalizamos.

Uma matéria publicada em 27 de abril apontava o desvio de aplicação do recurso emergencial disponibilizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e que deveria ser usado para auxiliar as atletas no período de crise. Os clubes citados na reportagem teriam utilizado a verba para outros departamentos e finalidades, não repassando os valores às jogadoras ou repassando apenas parte do valor (MENDONÇA, 2020c). Em sua defesa, os dirigentes envolvidos alegaram que o recebimento do recurso não veio acompanhado de qualquer diretriz sobre sua aplicação, assim fizeram o direcionamento segundo aquilo que consideravam mais necessário, como mostra a fala de Paulo Carneiro, atual presidente do Vitória, em publicação do dia 15 de junho: "[...] eu quero dizer que os R$120 mil foram dados ao Vitória, sabe? O presidente do Vitória faz do dinheiro o que ele quiser [....]" (MENDONÇA, 2020e).

Outra publicação, do dia 21 de maio, afirmava que o recurso já havia se esgotado e que alguns clubes começavam a dispensar suas atletas ou a criar programas de congelamento, parcelamento e redução de salários (MENDONÇA, 2020d). Nada de novo no "jogo de Pelé": as jogadoras, que já não possuem contrato, renda fixa, trabalho garantido para além dos campeonatos, assistência médica ou previdenciária, não são uma prioridade dos cartolas num momento de crise socioeconômica e sanitária.

A ação emergencial da CBF, ainda que venha como tentativa de socorro a algumas equipes femininas do país, não esconde o descaso histórico da entidade com a modalidade. As poucas ações da entidade para encaminhar o processo de profissionalização do futebol de mulheres deixam a desejar em itens que podem ser considerados fundamentais, como tornar obrigatório o estabelecimento de contrato formal de trabalho, planejar calendário anual diversificado e bem distribuído e captar recursos para tornar a modalidade mais autônoma em relação aos programas e investimentos do poder público.

Almeida e Pisani (2015) traçaram alguns dos caminhos percorridos na construção do profissionalismo para as futebolistas brasileiras entre os anos de 1980 e 2015. Para elas, a modalidade já conquistou avanços significativos no que diz respeito ao projeto profissional, mas ainda é amplamente dependente de programas, incentivos e investimentos do poder público. O programa "Bolsa Atleta", do governo federal, por exemplo, constitui-se como uma das principais, quando não a única, fontes de renda de inúmeras atletas. Nos municípios, agentes ainda significativos no âmbito do futebol de mulheres, as parcerias também costumam ser firmadas sob a forma de bolsas. Por um lado, um arranjo que possibilita a obtenção de alguma contrapartida pelo trabalho desportivo; por outro, um instrumento que não assegura legalmente as jogadoras e que pode ser revogado a qualquer tempo.

Em sua análise sobre os efeitos do estatuto de igualdade de gênero da FIFA para o futebol de mulheres, Almeida (2019) mostra os jogos de poder em meio aos quais se insere a tomada do futebol de mulheres como projeto institucional pela CBF. A autora sugere

que as iniciativas do órgão nacional atribuiriam ao futebol de mulheres a função de uma carta curinga para melhorar a imagem dos cartolas com os estratos mais elevados na hierarquia do *football association* após inúmeros casos de corrupção. Com essa motivação, assistimos, em um intervalo inferior a um ano, o surgimento e a diluição de um Grupo de Trabalho de Futebol Feminino, bem como a contratação e demissão da primeira mulher para o cargo de técnica da Seleção Feminina.

A relevância das discussões anteriores reside na elucidação do que chamamos aqui de condição crônica do abandono da modalidade no país. Característica que está longe de ser realidade exclusiva do Brasil, como mostra o relatório da FIFPro, divulgado em abril de 2020. O órgão, uma espécie de sindicato global de atletas profissionais de futebol, apresentou um documento a respeito de como a Covid-19 poderia impactar o futebol de mulheres global, apontando para as diferenças de acesso à infraestrutura adequada para manter treinamentos durante a paralisação e a incerteza sobre a continuidade de ligas e competições (e, portanto, de seus contratos de trabalho) como aspectos de risco para a saúde física e mental de jogadoras no mundo todo. Segundo o documento, o estresse próprio da pandemia se soma ao que decorre do cenário já usualmente vivido pelas jogadoras, podendo levar a alterações de sono, mudanças na dieta, nas cargas e frequências de treinamento, além de afetar a exigência física com temporadas concentradas e pré-temporadas mais curtas, aumentando o risco de lesões.

Os destaques trazidos pelo relatório dizem respeito a questões precedentes e que marcam uma condição crônica de desproteção social das mulheres atletas. Isso endossa a afirmação de que a pandemia não cria boa parte dos problemas a ela relacionados, mas converte situações de raízes difusas e sistêmicas aos nossos modos de vida em urgências, como bem assinalado por Boaventura de Souza Santos (2020, p. 10) ao enfatizar a "[...] claridade pandémica e as aparições em que ela se materializa".

Santos (2020) toma a pandemia como uma alegoria que se expressa em três reinos nos quais se formulariam, cada qual a seu modo, imagens próprias dos poderes dominantes. No segundo reino, denominado reino das causas, os poderes se exprimiriam na forma de três unicórnios: o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, apontados como os modos de dominação principais desde o século XVII. A eficácia da dominação que exercem estaria relacionada a sua ferocidade, mas também a sua capacidade de se manterem invisíveis e, aparentemente, desarticulados entre si.

Outro aspecto importante no exercício de dominação dos unicórnios seria o de dissimular sua existência, aparentando terem desaparecido ou estarem enfraquecidos quando, na verdade, seguem ativos e vivazes. Como mencionado por Santos (2020), desde o final do século XIX, temos tido episódios que nos sugerem tal enfraquecimento, mas que, eventualmente, acabam por revelar que os modos de dominação colonial, capitalista e patriarcal continuam presentes em nossos códigos de sociabilidade, ainda que ligeiramente modificados na forma como se apresentam. O autor se vale da pandemia para mostrar a força com que tais modos de dominação continuam a existir, na medida em que interferem no

tipo e no grau de risco a que diferentes grupos são expostos.

Como fica demonstrado a partir do relatório da FIFPro, o modo como o futebol mundial será afetado pelos efeitos da pandemia difere substancialmente segundo se trate do futebol de homens ou de mulheres. Tal diferenciação evidencia o exercício das formas de dominação apontadas na alegoria de Santos (2020) e seus efeitos na distribuição desigual de prestígio, dinheiro e poder entre as duas categorias da modalidade. No entanto, nos afastamos da previsão assinalada pelo relatório ao sugerir que o futebol de mulheres enfrenta um risco quase existencial face às condições atuais. Evidentemente que não colocamos em questão a vulnerabilidade das jogadoras e da modalidade decorrente da desproteção social e jurídica que vivenciam. No entanto, segundo os argumentos levantados até aqui, a zona limítrofe tem sido, por excelência, o território das mulheres que perseguem carreira futebolística, sobretudo para aquelas localizadas ao Sul Global. A excepcionalidade de sua existência parece ser a regra do jogo no qual se inserem. Não estritamente o jogo de futebol, mas o do poder que demarca e produz o futebol e suas hierarquias, como discutimos a partir das contribuições de Almeida (2019).

A fala da atual coordenadora do futebol feminino da CBF, Aline Pellegrino, ao afirmar que o futebol das mulheres talvez tenha melhores condições de enfrentar a crise, colabora para sustentação do posicionamento demarcado no parágrafo anterior. Sua análise se pauta por aquilo que caracteriza a realidade do futebol de mulheres no Brasil: necessidade de operar com caixa baixo, sem os vultosos valores da transmissão televisiva e renda de bilheteria, assim como a habitual ausência de torcida e público nos estádios (MENDONÇA, 2020b). Todos velhos conhecidos do futebol jogado por elas, mas nunca antes levantados como problemas para o campo institucional da modalidade.

Para encaminhar o encerramento desta seção, gostaríamos de trazer uma citação de Ailton Krenak (2020) que nos convida a pensar sobre o nosso medo de cair:

> Já caímos em diferentes escalas e em diferentes lugares do mundo. Mas temos muito medo do que vai acontecer quando a gente cair. Sentimos insegurança, uma paranoia da queda porque as outras possibilidades que se abrem exigem implodir essa casa que herdamos, que confortavelmente carregamos em grande estilo, mas passamos o tempo inteiro morrendo de medo. Então, talvez o que a gente tenha que fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos (KRENAK, 2020, p. 62-63).

A queda e o medo mencionados pelo autor referem-se à ruína de um tipo de humanidade, criada e reproduzida ao longo da história Moderna, que estabelece os parâmetros do suposto humano legítimo (o Humano do Antropocentrismo), bem como define códigos relacionais entre este Humano e os demais seres vivos, humanos ou não. Com isso, Krenak (2020) fornece as bases para uma crítica radical à insistência da manutenção de uma humanidade fundada em relações de exploração, expropriação, violência e opressão, convidando-nos a pensar a necessidade de reformularmos nossa relação com o mundo e com a alteridade

na criação de outras humanidades possíveis.

A partir de tais considerações, levantamos o seguinte questionamento ao campo do futebol de mulheres no Brasil: haveria mesmo uma queda a temer? Se a referida queda diz respeito ao sistema de organização do futebol que, até hoje, colocou as mulheres em condição de impedimento, o que temer então? Talvez haja também alguma potência na ocupação desses lugares malditos, as posições de impedimento. A possibilidade de formular críticas necessárias ao que é posto como norma e de criar outros modos de se habitar os mais variados campos de jogo e da vida.

É importante situar que a criação à qual nos referimos não é a mesma presente no discurso da inovação que culmina em figuras como o empreendedor de si mesmo, assim como em tantas outras expressões colocadas em circulação pelo capitalismo financeiro para mascarar a exploração dos trabalhadores. Trata-se do sentido sublinhado por Deleuze (1999) quando fala da Filosofia como criação de conceitos. A criação, tal qual formulada pelo autor, é entendida como um ato do qual se tem necessidade: "É preciso que haja uma necessidade, tanto em filosofia quanto nas outras áreas, do contrário não há nada. Um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade" (DELEUZE, 1999, p. 4).

As jogadoras e as outras mulheres envolvidas com a produção de um futebol diferente têm ousado criar um jogo, um campo, outras regras. Criam porque têm necessidade do futebol. Quem sabe seja o futebol delas uma possibilidade outra revelada ou sublinhada pela pandemia, pois, como lembra Lourau (2020, p. 242), "O analisador desinstitucionaliza, revela o instituinte sufocado sob o instituído e, ao fazê-lo, perturba o instituído [...] O analisador desmaterializa as formas de opressão, revelando as forças que nelas se escondem [...]". Não se trata, aqui, de reivindicar para o futebol de mulheres o lugar de nova norma ou de implicá-lo no fornecimento de respostas acabadas para serem tomadas como modelo. O que está em causa é destacar sua possibilidade de formular perguntas para o futebol hegemônico sobre as violências que ele produz, projeta e perpetua de maneiras diversas, inclusive entre os "pés-de-obra" (DAMO, 2005, p. 170), esses operários da bola tidos como sujeitos legítimos do jogo.

Cotidiano pandêmico, trabalho e vida privada da jogadora de futebol

Diante de todo o cenário de precariedade apresentado anteriormente, é importante considerarmos os impactos dessas estruturas e relações de trabalho na vida dessas profissionais. Conforme já sinalizado, a pandemia não pode ser colocada como a grande responsável pela dura realidade na qual as jogadoras estão inseridas, pois a desvalorização do futebol jogado por mulheres, de acordo com Almeida e Pisani (2015), é um processo histórico e deve ser encarado como tal. É importante ressaltar que, no processo de busca no blog por falas e exposições de jogadoras que ilustram as dificuldades enfrentadas por elas durante a pandemia, encontramos apenas a fala de uma jogadora, ao longo do período abrangido. A ausência de posicionamento em relação a um contexto que, evidentemente, tem impactado de diversas formas a vida dessas mulheres sugere uma situação de insegurança e vulnerabilidade em que elas se encontram, sendo descartada qualquer possibilidade de fazer críticas ou denunciar as ações tomadas pelos clubes, seus empregadores.

Em conversa recente com uma jogadora de um grande clube do estado de São Paulo, foi relatada uma situação na qual a jogadora, logo no início da pandemia, retornou para a sua cidade de origem para ficar com a família durante a quarentena. A decisão foi pautada tendo em vista que a cidade e o estado de São Paulo estavam sendo bastante afetados com a doença e, embora o campeonato estivesse paralisado, os treinamentos haveriam de continuar de alguma forma. Habitando uma casa de dois cômodos, divididos em cinco pessoas, o espaço era muito pequeno e as possibilidades de treinar naquele local também eram restritas. Em razão disso e pela necessidade de manter um condicionamento físico adequado, a jogadora tomou a decisão de treinar na rua e acabou sendo contaminada com a COVID-19.

A situação explicitada demonstra toda a instabilidade à qual essas jogadoras estão submetidas, instabilidade esta que é comum no universo futebolístico, pois, embora o futebol seja um esporte coletivo, as avaliações estão o tempo todo centradas no desempenho individual de cada atleta, seja pelo valor da remuneração, seja pelo medo sempre presente de perder a posição para alguém que está na reserva (RUBIO, 2006). Nesse caso, tal exposição, pela necessidade de manter o corpo preparado para uma eventual volta, produziu alguns efeitos sobre a saúde física e mental da jogadora, que relatou ter convivido com o medo e a culpa de estar contaminada em um ambiente familiar que era impossível fazer isolamento. A quarentena, para uma parcela significativa de trabalhadoras e trabalhadores em nosso país, não resultou em isolamento social.

A fala da jogadora Andressa Alves, em entrevista publicada no blog no dia 17 de março, ilustra bastante essa dificuldade da necessidade em manter o condicionamento físico durante a pandemia:

> Corona está mudando drasticamente a vida do atleta, porque a gente não pode jogar, eu não podia treinar na Roma, então isso é muito difícil. É uma mudança muito radical e que a gente tem que se adaptar, arrumar uma forma de treinar separado e fazer o que é possível (MENDONÇA, 2020a).

Fazer o que é possível, dentro das condições e realidade em que essas jogadoras estão submetidas, pode significar se expor a diversos riscos, como no caso relatado anteriormente. Essa relação com o tempo-espaço do trabalho se encontra, no caso de atletas, radicalmente desterritorializada, ou seja, encontra seu território no próprio corpo. Rodrigues (2004, p. 261), ao discutir a docilização dos corpos, teorizada por Michael Foucault, destaca que o futebol moderno tem como característica e finalidade "[...] produzir, manipular, individualizar, adestrar e aperfeiçoar o corpo do indivíduo, tornar o jogador dócil e utilitário". É, portanto, um trabalho em tempo integral e que demanda, constantemente, o cuidado, a preparação e produção de si, tendo em vista seu ofício (VIEIRA; MANSANO, 2014).

A centralidade e necessidade de manipulação dos corpos e preparação em tempo integral é bastante presente no discurso das pessoas envolvidas no universo futebolístico, a exemplo disso, destacamos a fala da atual técnica da Seleção Feminina de Futebol numa entrevista publicada em 30 de agosto no blog:

> O preparador Fábio Guerreiro conversa com elas, explica que se elas quiserem elevar o nível do jogo, precisam cuidar da parte

> física. É fácil entender isso no discurso, mas a gente precisa de algumas ações além das palavras para mudar um pouquinho o estilo de vida delas, o cotidiano mesmo, a rotina. Nesse sentido Marina [psicóloga] participa porque constrói uma relação com elas e assim ajuda as jogadoras a compreenderem o que precisa ser mudado, como elas podem entrar em forma, e até qual o papel delas dentro de campo (APÓS..., 2020).

As considerações feitas pela treinadora reforçam a necessidade de uma transformação no cotidiano dessas mulheres, porém, como já referido acima, o espaço de trabalho e as estruturas sociais nas quais essas jogadoras estão inseridas não são espaços facilitadores dessa mudança, pelo contrário, cotidianamente elas estão submetidas a ambientes precários de trabalho, convivem com a insegurança nos contratos e baixa remuneração, situação que participa da produção e reprodução também do baixo reconhecimento social das jogadoras. Embora os clubes não sejam estritamente empresas, eles são atravessados e reproduzem a lógica produtivista que é centrada nos resultados de forma individualizada sem considerar as possibilidades e determinações contextuais, ou seja, a relação entre o que é exigido e o que é ofertado se dá de forma desproporcional.

É importante reconhecer a necessidade da presença de uma profissional que cuide da saúde mental dessas jogadoras como apresentado pela treinadora, entretanto, é importante também ampliar e avançar em termos estruturais que vão além de uma influência motivacional, mas dizem respeito a condições precarizadas de trabalho, pois essa é a realidade presente na atividade laboral cotidiana de uma parcela significativa dessas jogadoras, assim como de trabalhadores e trabalhadoras de outras modalidades esportivas (RUBIO, 2007). Esta é uma consideração importante tendo em vista que a Psicologia do Esporte, por vezes, reproduz esse trabalho motivacional de forma descontextualizada e, tal postura, pode atribuir ainda mais pressões e sentimentos de insuficiências entre essas profissionais, ou seja, novamente centrada nos resultados e interesses do clube.

Considerações finais

Diante das considerações feitas durante o texto, podemos concluir que a dura realidade enfrentada pelas mulheres jogadoras de futebol não é uma novidade que surge a partir da pandemia. Entretanto, ainda que essas mulheres convivam cotidianamente com situações de extrema precarização no trabalho, a realidade pandêmica intensifica ainda mais essa condição, pois, em geral, são trabalhadoras que possuem instabilidades contratuais, de salário e se encontram em total desproteção social, ou seja, vínculos institucionais enfraquecidos que são atingidos mais facilmente.

Quando nos referimos às condições vivenciadas por essas jogadoras no atual cenário, diferente de outros campos de trabalho, inclusive a situação dos jogadores em grandes clubes, não estamos falando de retiradas de direitos – esses nunca fizeram parte da realidade concreta dessas trabalhadoras –, mas, sim, de uma resistência para continuar ocupando esse espaço historicamente negado. Reiteramos que o destaque conferido à inventividade das mulheres que persistem na carreira de jogadoras de futebol não se pretende como romantização da condição precária, mas num esforço em olhar também para a

dimensão afirmativa de suas lutas no jogo de futebol e na vida. Um ato criativo oriundo de sua absoluta necessidade de jogar bola.

O futebol de mulheres fica, mais uma vez, à margem dos grandes holofotes dentro e fora de campo, situação bastante diferente dos times masculinos que disputam os grandes campeonatos nacionais e internacionais, pois, para esses, foram pensadas diversas estratégias na tentativa de superar as dificuldades colocadas pelo vírus. Tal situação nos leva à reflexão sobre a necessidade da existência de espaços e pessoas que pensem e atuem com o objetivo de evidenciar a urgência de uma profissionalização que garanta também direitos e proteções a essas mulheres de forma a emancipar o futebol jogado por mulheres, ainda bastante condicionado ao que é definido por entidades e pessoas que não estão interessadas no caminho emancipatório.

Referências

ALMEIDA, C. S. O Estatuto da FIFA de igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. **FuLiA**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, edição especial – Dossiê Futebol e Mulheres, p. 72-87, 2019.

ALMEIDA, C. S.; PISANI, M. S. Carreiras e profissionalismo após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil. **Labrys, études féministes/ estudos feministas**, v. 28, p. 1-20, 2015.

APÓS tropeços, Pia pediu psicóloga para aumentar confiança da seleção. In: Portal ~dibradoras, agosto de 2020. Disponível em: https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/08/30/apos-tropecos-pia-pediu-psicologa-pra-aumentar-confianca-da-selecao/ . Acesso em 09.11.2020.

CHADE, J. **Depois de Copa no deserto, a Olimpíada de inverno sem neve**. In: Estadão, caderno de esportes, março de 2015. Disponível em: https://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,depois-da-copa-no-deserto-a-olimpiada-de-inverno-sem-neve,1660526 . Acesso em 04.11.2020.

COUTINHO, M. C.; BERNARDO, M. H.; SATO, L. **Psicologia Social do Trabalho.** Editora Vozes, São Paulo, 2017.

DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p.129-156, maio/ago., 2003.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão:** uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005

DELEUZE, G. O ato de criação. In: Acervo da Folha de São Paulo, caderno Mais!, p. 4-5, junho de 1999. Tradução de João Marcos Macedo. Disponível em https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=14293&anchor=662925&origem=busca&originURL=&pd=760a43488f2e90dd841e1f8736c347bb . Acesso em 16.11.20.

FIFPRO. **COVID-19: Implications for professional women's football.** Disponível em: https://www.fifpro.org/media/zp3izxhc/fifpro-wf-covid19-new.pdf . Acesso em: 25.05.2020.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, 2005.

HAAG, F. R. "O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele": trabalho e relações de sexo no futebol feminino brasileiro. **Mosaico**, v. 9, n. 14, p. 141-160, 2018.

JOGADORAS emitem carta aberta à CBF cobrando melhores condições. In: Gazeta Esportiva, outubro de 2017. Disponível em: https://www.gazetaesportiva.com/futebol/futebol-feminino/jogadoras-emitem-carta-aberta-cbf-cobrando-melhores-condicoes/ . Acesso em: 04.11.2020.

KESSLER, C. S. Futebol ou futebóis: é plural ou singular? In: KESSLER, C. S. (Org.). **Mulheres na área:** gênero, diversidade e inserção no futebol. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOURAU, R. Dos indicadores sociais aos analisadores sociais. Tradução de Solange L'Abbate. Revisão de Yvone Greis. **Mnemosine**, v. 16, n. 1, p. 232-246, 2020. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/52693/34304 . Acesso em: 04.11.2020.

MENDONÇA, R. Treinos em casa, atleta de quarentena: como vírus impacta futebol feminino. In: Portal ~dibradoras, março de 2020a. Disponível em: https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/03/17/treinos-em-casa-atleta-de-quarentena-como-virus-impacta-futebol-feminino/ . Acesso em 09.11.2020.

MENDONÇA, R. Diretora da FPF: 'Crise pode nos ensinar a fazer um futebol mais sustentável'. In: Portal ~dibradoras, abril de 2020b. Disponível em: https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/04/22/diretora-da-fpf-crise-pode-nos-ensinar-a-fazer-futebol-mais-sustentavel/ . Acesso em 04.11.2020.

MENDONÇA, R. Mesmo com ajuda da CBF, clubes negam a jogadoras ajuda de custo de R$ 500,00. In: Portal ~dibradoras, abril de 2020c. Disponível em: https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/04/27/mesmo-com-ajuda-da-cbf-clubes-negam-a-jogadoras-ajuda-de-custo-de-r500/ . Acesso em 09.11.2020.

MENDONÇA, R. Clubes cortam salários, dispensam jogadoras e querem nova ajuda da CBF. In: Portal ~dibradoras, maio de 2020d. Disponível em: https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/05/21/clubes-cortam-salarios-dispensam-jogadoras-e-querem-nova-ajuda-da-cbf/ . Acesso em 09.11.2020.

MENDONÇA, R. Sem contrato, jogadoras do Vitória ficam à mercê do descaso de dirigentes. In: Portal ~dibradoras, junho de 2020e. Disponível em: https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/06/15/sem-contrato-jogadoras-do-vitoria-ficam-a-merce-do-descaso-de-dirigentes/ . Acesso em 09.11.2020.

RODRIGUES, F. X. F. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias** (11), Porto Alegre, 260-299, 2004.

RUBIO, K. O Imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, v.18, n.1, p.86-91, 2006.

RUBIO, K. Ética e compromisso social na psicologia do esporte. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 304-315, 2007.

RUBIO, K. A humanização dos atletas olímpicos. In: Folha de São Paulo, colunas e blogs, maio de 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/katia-rubio/2020/05/a-humanizacao-dos-atletas-olimpicos.shtml?origin=folha . Acesso em 04.11.2020.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Almedina, 2020.

SILVA, G. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista:** entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SOUZA JÚNIOR, O. M.; REIS, H. H. B. **Futebol de mulheres:** a batalha de todos os campos. [ePub]. 1ª ed. Coleção Esporte e Ciências Humanas. Paulínia: AutorEsporte, 2018.

VIEIRA, T. M.; JUSTO, J. S.; MANSANO, S. R. V. Mulheres e futebol: análise de documentos do mundo esportivo brasileiro no século XX. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 27, número especial: Psicologia do Esporte, p. 519-543, 2018.

VIEIRA, T. M.; MANSANO, S. R. V. Impasses gerados pelo trabalho imaterial na vida privada: um estudo sobre os profissionais do esporte. **Pesquisas e Práticas psicossociais**, São João del-Rei, v. 9, n. 2, p. 222-231, 2014.

Agradecimento à FAPESP pelo financiamento da pesquisa que deu origem ao artigo, de acordo com o seguinte modelo "Processo nº 2017/18130-9, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)".

Recebido em 2020-12-17
Publicado em 2021-02-01